

Mateus Kenji Shimada

9º ano D do Ensino Fundamental

Unidade de Ermelino Matarazzo

Vale mais que um trocado

Olá, meu nome é Lucas, e hoje foi um dos dias mais felizes da minha vida, pois aprendi a ler e ganhei algo melhor que dinheiro: um livro.

Eu sou órfão de pais, tenho doze anos e nenhum lar. Meu "trabalho" é pedir esmolas em um cruzamento da Avenida 23 de Maio, e, hoje, abordei muitos carros que, com medo de mim, fecharam os vidros, até que abordei um que não fez o mesmo. Seu motorista era um professor de literatura, que me deu um livro e me ensinou a ler e a escrever.

O nome do livro era *Viagens de Gulliver*, de um tal Jonathan Swift. O livro conta a história do médico Gulliver e suas viagens a fantásticos e diferentes países imaginários. Ainda não li o livro inteiro, mas, por enquanto, está muito interessante e me deixou muito entretido. De tão legal que é o livro, fiquei com vontade de fazer como Gulliver, viajando pelo mundo ou, nas condições em que vivo, pela cidade de São Paulo.

Quando crescer, quero ser um médico, como Gulliver, para ajudar e tratar de muitas pessoas e, principalmente, das pessoas que vivem nas mesmas condições que eu.

Espero que um dia, quando for um médico rico, eu possa ter uma casa, uma vida feliz e, melhor que tudo isso, uma família com a qual passe por bons e maus momentos, e que eu possa dar a ela tudo o que meus pais não tiveram a oportunidade de me dar.

Rafaela Kawane Ribeiro Gonçalves

6º ano B do Ensino Fundamental

Unidade de Ermelino Matarazzo

Verde que te quero ver-te

Quero verde essas matas

Quero agora vida nova

Verde que te quero ver-te

Verde para sempre

Terra rica em história

Rica em contos

Rica em cultura

Rica em vida

Quero um Brasil bom

Verde te quero ver-te para sempre

Ana Carolina Ferrari Valente
3º ano C do Ensino Fundamental
Unidade de Ermelino Matarazzo

Lili e Lulu

Era uma vez dois gatinhos, Lili e Lulu, eles eram irmãos.

Mas a mãe deles, Elizabete, era muito má, e não gostava deles.

Um dia eles prepararam uma surpresa e deram para Elizabete. Ela abriu a caixa e disse:

- Não se dá uma caixa vazia para ninguém!

- Mas a caixa não está vazia, nós enchemos de beijos! - os gatos disseram.

Elizabete ficou muito envergonhada e nunca mais foi má para os gatinhos.

Nathalie Arnez Torchia

Curso Pré-Vestibular

Unidade de Ermelino Matarazzo

Os benefícios da mentira

A capacidade de articular mentiras e promover enganos acompanha a humanidade desde os seus primórdios. Parte de um processo mental e criativo bem mais complexo que a verdade, as mentiras integram o convívio social humano, sendo recorrentemente utilizadas nas relações sociais e familiares, a fim de obter vantagens, amenizar opiniões adversas, ou ainda causar boa impressão em alguém por quem se tem algum interesse.

Dotado de uma capacidade criativa ilimitada, o homem aprendeu desde muito cedo a fazer uso da mentira em seu próprio benefício. Na Grécia antiga, a mentira foi essencial para a invasão de Troia pelos gregos. O Cavalo de Troia foi a materialização da mentira mais famosa da história da humanidade, por meio da qual os gregos ludibriaram os troianos, subjugando-os.

Além da obtenção de vantagens e benefícios, as mentiras também podem ser usadas como forma de impressionar pessoas e elevar o status social, econômico ou intelectual. Mentir sobre um curso jamais realizado ou sobre uma herança nunca recebida pode causar uma ótima impressão no enganado, tornando-o, por vezes, um colega mais próximo, um chefe menos rigoroso, ou um companheiro afetuoso.

Outra oportuna possibilidade da mentira é "eufemizar" opiniões adversas e supostas críticas. Muitas vezes, discordar veementemente de uma opinião emitida ou explicitar uma crítica fulminante desencadeia eternas discussões e angaria inimigos eternos. Nesses casos, a mentira pode funcionar como uma aliada para a manutenção do coleguismo e da concórdia.

Diante do exposto, depreende-se que a mentira pode auxiliar as relações interpessoais, evitando confrontações desnecessárias e mantendo a harmonia entre os indivíduos. Embora não deva ser utilizada de forma desmedida, ela é capaz de proporcionar alguns benefícios a quem sabe utilizá-la, transformando adversidades em verdadeiros elos de aproximação.

Paloma Crociati

7º ano B do Ensino Fundamental

Unidade de Ermelino Matarazzo

O que faz você feliz?

O que faz você feliz?

Felicidade é algo que se multiplica quando se divide. Felicidade é viver sem medo, é tirar os pés do chão e não pensar nas consequências. É amar intensamente, aproveitar o que há de bom. É dar valor às coisas mais simples da vida. Felicidade é olhar o mar num fim de tarde, deixar as coisas acontecerem naturalmente, é deixar a chuva lavar a nossa alma. É conquistar o desejável, é apoderar-se da esperança.

Felicidade é levantar a cabeça, seguir em frente. É sentir o crepúsculo começar. É conquistar um amigo verdadeiro e dar valor a quem nos ama. É aprender com os erros, é se dominar antes de dominar os outros.

Felicidade é viver sem fronteiras. Felicidade é algo essencial, independente de tudo e de todos. Não há substituição, não há preço que pague por isso, porque o importante, realmente, é ser feliz.

Ana Flávia Garcia Silva

3ª série A do Ensino Médio

Unidade de Ermelino Matarazzo

Alfabetização é somente benefício

O analfabetismo, problema estrutural da sociedade brasileira, remonta aos tempos de nossa colonização, quando, já no século XVI, escritores constatavam que havia um grande número de comerciantes ricos que não sabiam ler. Na época moderna, o analfabetismo persiste como óbice ao desenvolvimento do Brasil, abrangendo 16 milhões de brasileiros, dos quais 35%, segundo dados do MEC, já frequentaram a escola, tendo-a abandonado por motivos diversos.

Muitos dos casos de desistência decorrem de dificuldades familiares, especialmente nos casos em que os pais, pouco instruídos, não consideram a educação promissora, o que leva os filhos a abdicarem dos estudos para incrementar o orçamento da família. Tal atitude, embora necessária em situações extremas, pretere a formação acadêmica do indivíduo e prende-o ao mercado de trabalho pouco qualificado e, na maioria das vezes, mal remunerado. Como consequência, as disparidades da distribuição de renda caminham juntas àquelas da distribuição de educação, conforme mostram os dados do MEC: enquanto a taxa de analfabetismo nos domicílios cujo rendimento é superior a 10 salários mínimos é de apenas 1,4%, naqueles cujo rendimento é inferior a um salário mínimo é de 29%.

Em outros casos, são os obstáculos à educação que dificultam a continuidade dos estudos. No Brasil, o sistema educacional não atende à demanda da população, seja pela inexistência de escolas, no caso de regiões mais afastadas, seja pela falta de profissionais capacitados, como ocorre nas áreas periféricas de grandes cidades, onde os alfabetizados não dispõem de preparação específica nem de remuneração complementar. Como resultado, encontram-se discrepâncias crescentes entre as áreas centrais, onde há investimentos na educação, e as áreas distantes, desfavorecidas na questão educacional.

Ademais, sabe-se que os recursos destinados ao ensino público partem, necessariamente, de órgãos governamentais. Instruir a população, porém, nem sempre é conveniente aos governantes, que veem no analfabetismo uma arma política capaz de torná-los heróis, uma vez que grande parte da sociedade, ao não dominar a linguagem formal, mantém-se alienada em relação à realidade política do país. Nesse sentido, o analfabetismo implica, diretamente, a manipulação informacional na sociedade por parte da elite dominante.

A erradicação do analfabetismo, traria, portanto, somente benefícios à sociedade brasileira, uma vez que o cidadão, se bem instruído, está apto a manter-se íntegro politicamente, cômico de seus direitos e deveres, além de abranger suas perspectivas socioprofissionais. A valorização da alfabetização, por parte dos governantes, consiste, sobretudo, no respeito à população, que deve, necessariamente, ter acesso à educação, já que, somente dessa maneira poderá dedicar-se ao desenvolvimento pleno do nosso país.

Rafael Marques da Silva
1ª Série A do Ensino Médio
Unidade de Ermelino Matarazzo

Uma história de vida

Uma negra com uma criança nos braços, solitária na floresta de concreto e aço. Dificuldade de vida, moradores da favela com um pai cachaceiro e violento, que batia em sua mulher na frente de seus filhos e que quebrava as poucas coisas que tinham dentro do barraco, Seo João era um pai fracassado.

Cinco filhos, Basílio, o mais velho, protege os irmãos, ajuda a mãe como pode, tenta orientar o pai, tenta ao máximo ficar longe das drogas e da violência, ama Letícia, morena linda e inteligente, que também sente amor por ele.

Basílio trabalha nas ruas à procura de uns trocados quando não está em algum bico no centro da cidade. À noite, único momento de paz em sua vida, compõe letras de rap, que mais tarde lhe trariam a glória.

No meio das dificuldades, surge para Basílio uma proposta de um traficante local, para ele fazer a entrega de uma mercadoria, em troca de dois mil reais. Necessitado de dinheiro, ele aceita o "serviço".

A polícia de São Paulo estava justamente preparando um flagrante na entrega de uma encomenda de cocaína, que seria feita em um restaurante próximo à favela onde mora Basílio. Basílio é preso em flagrante e é condenado a seis anos de prisão. Na prisão, encontra o inferno diante de seus olhos, o diabo são seus companheiros de cela... Deus, essa palavra não existe por lá.

Depois de cumprir a pena, ele volta para a favela e recebe a notícia de que sua mãe morrera. Como havia acontecido? Foi atingida por uma bala perdida em meio a um tiroteio. O pai tinha tentado cometer suicídio, mas não conseguiu porque a arma não disparou.

Vendo-se sem opção, entrou de vez para o crime. Agora, com 27 anos, já não via o que mais poderia perder.

Aos 29 anos, traído por seus companheiros de crime, fugiu da favela. Mas o que seus companheiros não sabiam é que ele levava consigo cinco mil reais em espécie e algo mais precioso: suas composições de rap.

Procurou uma gravadora e entregou suas letras. Pediram para ele

aguardar a resposta e pediram um telefone para contato. Como estivesse morando na rua, pegou suas coisas e saiu triste, sem saber o que fazer. Andando pela rua lembrou-se de uma amiga dos tempos de escola. A mãe dessa colega tinha uma pensão, perto ali da gravadora, e para lá se foi Basílio, alugou um quarto, voltou à gravadora e pôde dar um telefone a eles.

Três dias depois recebeu uma ligação pedindo para comparecer à gravadora para conversarem sobre suas composições.

Gravou seu primeiro CD, que foi rapidamente para o topo das rádios. No segundo, consagrou-se com músicas de abalarem um governo. Fez muito sucesso, saiu da pensão, comprou um carro. Voltando à favela onde morara, para fazer um show, reencontrou Letícia, com quem se casou e teve um filho.

Basílio escreveu um livro sobre a sua vida. Seu livro virou filme, concorreu ao Oscar. Fundou uma ONG, Meninos da Favela, ajudou várias comunidades e nelas abriu centros de ajuda para viciados. Milhares de jovens foram ajudados por seus projetos.

Em seu terceiro CD, Basílio contou a história de sua vida:

*Uma negra e uma criança nos braços,
Solitária na floresta de concreto e aço,
Seus filhos num barraco apertado,
Marido bêbado e safado.*

*Eu Basílio ajudando como podia,
Sempre na correria,
Com problemas apertando o coração,
Aceitei uma proposta e fui para a prisão,
Seis anos de redenção.*

*Voltando à liberdade,
Aprendi a ter saudade,
Entrei para a criminalidade,
Fui traído igual a Jesus,
Quase virei comida de urubus.*

*O rap me salvou,
Tanto é que aqui estou,
Cantando e adorando
Ver todos gritando: BASÍLIO!*

Juliana Maria Maccari Pauferro

Curso Pré-Vestibular

Unidade de Ermelino Matarazzo

O poder da dominação

As relações internacionais são, e sempre foram, marcadas pelo imperialismo de determinados povos ou países que, por serem mais desenvolvidos econômica, política ou militarmente, sentem-se no direito de subjugar outros povos. A intervenção indevida dos "grandes" em decisões que deveriam ser tomadas pelos "pequenos" é uma evidência de que o abuso de poder não está presente apenas em situações individuais, mas em toda relação social ou política em que haja um forte e um fraco.

Já na Antiguidade, o poder de determinados grupos sobre outros já era comum. Na Grécia, os donos das melhores terras foram aqueles que formaram uma elite, enquanto os que não tinham onde cultivar foram aos poucos se tornando escravos devido às dívidas. Também foram poderosos os romanos. Quando dominavam determinado território, o povo que ali morasse seria, a partir de então, parte dos escravos que Roma possuía. Assim, conseguindo escravos devido a seu poder na época, ambos os povos conseguiram manter vivo, por séculos, seu modo de produção.

Da mesma forma, no século XIX também existiam nações que dominavam outras por serem poderosas. É o caso de Inglaterra. Maior potência econômica da época, o país já estava inserido no capitalismo industrial enquanto praticamente toda a América era formada por colônias. No Brasil, a "nação amiga" foi beneficiada com os tratados de 1810, tendo, a partir deles, mais privilégios do que os próprios portugueses para exportarem para cá os seus manufaturados.

Na mesma época, os EUA já apontavam como futura potência imperialista. Desenvolvendo-se economicamente por meio da industrialização e apresentando uma política interna estável, tornaram-se a maior potência do século XX, condição em que permanecem até hoje. A invasão do Iraque em 2003 - mesmo sem a aprovação da ONU - é apenas uma das situações em que o país criou um pretexto para impor seu poder sobre uma nação mais fraca.

O abuso de poder é, portanto, uma constante em toda a história. Entretanto, é preciso que haja um desenvolvimento dos mais fracos e uma tentativa de resistência para barrar essa dominação abusiva. Os países, assim como as pessoas, devem ter autonomia para tomar suas próprias decisões, desde que isso não invada o espaço do outro nem viole os direitos reservados a todo ser humano.

Lucas Aleixo Pasqual de Oliveira

1ª série G do Ensino Médio

Unidade de Ermelino Matarazzo

Viagem duvidosa

Vou viajar

Sem me preocupar

Mas o que farei?

Descansarei como uma andorinha

Que pousa em seu ninho

E quando chegar a hora de partir

Voarei como querubim?

O medo me assombra

O medo me assusta

O medo está com medo

De sentir o cheiro do momento

Em que tudo cairá

De pernas pro ar

E se preocupará

Com a esperança de um dia voltar

O cachorro está com medo de latir

O gato não sabe se mia

Eu não sei se o pássaro voará

Viajar é complicado?

Mas eu já sinto o gosto da vitória

Na alma eufórica

Por sair e viver feliz

Como eu sempre quis!

Camilla Pessonnia Cortez

3ª série A do Ensino Médio

Unidade de Ermelino Matarazzo

Saudosas letras

O papel sobre a mesa tenta virar-se, dobrar-se em sua dança, brincando nas carícias do vento. Repleto de letras, suas tentativas são vãs: guarda segredos irreveláveis, fatos já adormecidos pelo tempo e uma parte do que sou. A grafia trêmula imprime-lhe peso; pelas linhas, o melhor e o pior de mim, minhas memórias revividas ao traço da tinta, dissolvidas na imprecisão dos detalhes, mas narradas com uma estranha intensidade jovem de que não mais disponho. A caneta, em sua fuga cansada, rola entre fotografias dispersas sobre o chão de madeira corroído por cupins. Foge para evitar refazer o passado construído entre consoantes e vogais, pois o quer em sua originalidade rústica, tal como foi minha vida.

As paredes escuras do quarto encerram uma explosão de lembranças tão ávidas que não cabem em mim. Sinto saudades do que fui, falta que dói, dilacera o peito, mas me revive. O papel mantém sua dança incompleta, eu, minha alma saudosa, e nos tornando um só: ele é minha parte eterna, minha vida em palavras. Eu, efêmera, irei me perder, cada vez mais, na rota que sigo; faltará vivacidade, faltarei a mim mesma, sobrando apenas o papel, que, encontrado por alguém, contará sobre uma pessoa de nome comum que, um dia, habitou um pedaço de mundo.

O vento ganha força entrando pela janela. O papel, enfim, completa seu leve movimento - lindo e triste, cai, como a lágrima que desliza em minha face. Após seu voo, permanece inerte sobre as fotos: a dança chegou ao fim, tal como o apogeu que já vivi.